

Pandora, pandemia e pandemônio: questões da nossa época e depois

Pandora, pandemic and pandemonium: issues of our time and beyond

Luíza Helena Hilgert
UFSCar/FAPESP¹

201

RESUMO

O objetivo do presente artigo é propor uma interpretação da filosofia sartriana para pensar o nosso atual contexto de isolamento, pandemia e agravamento de diferentes crises. Pretendo fazer isso por meio de dois conceitos cunhados a partir do exame das obras *Bariona*, *Cahiers pour une morale* e *Critique de la raison dialectique*, são eles: esperança existencialista e solidariedade construída.

PALAVRAS-CHAVE

Esperança; solidariedade; reciprocidade

ABSTRACT

The aim of this paper is to propose an interpretation of Sartrian philosophy to think about our current context of isolation, pandemic and worsening of different crises. I intend to do this through two concepts coined from the examination of the works *Bariona*, *Cahiers pour une morale* and *Critique de la raison dialectique*, wich they are: existentialist hope and constructed solidarity.

KEYWORDS

Hope; solidarity; reciprocity

INTRODUÇÃO

¹ E-mail: luizahilgert@hotmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1638-8225>

*“Solo le pido a Dios
Que el dolor no me sea indiferente”
(Léon Gieco)*

O atual contexto pandêmico faz parecer que a caixa de Pandora foi reaberta e dali saíram vários males na forma de crises formando um grande pandemônio: crise econômica, crise ambiental, crise política, crise de direitos trabalhistas, crise humanitária, crise sanitária, crise intelectual, etc. que salgaram as já bastante profundas e dolorosas feridas abertas do brasileiro causadas pela desigualdade social e econômica. Esse mesmo contexto atual exige também de nós uma série de reflexões acerca do agora e do depois, como por exemplo: o que a filosofia sartriana tem para contribuir com a situação vigente? A fenomenologia de Sartre trata do concreto, das questões que a sua própria época impôs, cabe, então, perguntar se teria instrumentos, métodos e caminhos para auxiliar-nos de alguma maneira no que diz respeito à situação de hoje? Como o existencialismo encararia aquilo que resta dentro da caixa de Pandora depois de todos os males liberados e instaurado o pandemônio? Em outras palavras, é possível ter esperança em tempos de pandemia? E depois?

O termo esperança não é fácil de ser encontrado nos escritos de Sartre, a palavra aparece ora aqui e ora lá, por vezes de maneiras que podem soar contraditórias entre si. Assim como no mito da Caixa de Pandora, o lugar onde Sartre deposita, tanto nas obras de ficção quanto em *O ser e o nada*, as considerações acerca do tema da esperança é no desfecho. Geralmente, depois de desvelada a condição humana, depois de muitas páginas de desespero, de desamparo, de má-fé, de fuga de si mesmo, de angústia e de náusea, as páginas finais são destinadas a um vislumbre, a uma porta aberta, a uma *esperança de que pode haver esperança*. Em *A náusea*, por exemplo, é nas últimas páginas que vemos Roquentin fazer as pazes com a sua melancolia e aceitar-se como um indivíduo cuja existência é contingente e gratuita:

Essa ideia repentinamente me surpreende porque eu não esperava mais por isso. Sinto algo me tocando timidamente e não ousou mover-me porque temo que desapareça. Algo que eu não conhecia mais: uma espécie de alegria. Eu me sinto extraordinariamente intimidado. Não é que eu tenha muita esperança. Mas eu sou como um cara que está congelado depois de um passeio na neve e que, de repente, entra numa sala quente. [...] Não poderia eu tentar... Claro, não se trataria de compor uma melodia musical... mas não poderia, num gênero diferente? [...] Então talvez eu pudesse, através dele, lembrar da minha vida sem repugnância. [...] E eu seria capaz - no passado, só no passado - de aceitar-me (SARTRE, 1981, pp. 209-210)².

Após litros de tinta sobre náusea e angústia, contingência e gratuidade, o protagonista do primeiro romance de Sartre vê no desamparo da condição humana e

² Todas as traduções são minhas.

no absurdo da existência os meios para vislumbrar a esperança de uma vida com algum sentido por meio da obra de arte, talvez a escrita de um livro, um romance de aventura. Se a melancolia, a angústia, a náusea diante da existência são mesmo curáveis pelo sexo, pelo jazz, pela literatura, pela arte, é assunto para outro dia. O que interessa é apontar que há, no final do livro, aposta às considerações sobre vida e morte, às experiências cotidianas que nos fazem descobrir a condição humana na sua verdade, lugar para a esperança. Certamente, o caminho da esperança, essa *espèce de joie*, espécie de alegria, não é a conclusão inevitável e necessária que se chega sempre; no outro rumo da encruzilhada está a queda no desespero, a fuga da existência e o muro da má-fé³. Se Roquentin, ao final da tentativa de escrever um romance de aventuras, abraça a inautenticidade e desiste de atribuir sentido e criar projetos para lidar com a falta de justificativa prévia que é a existência humana, não sabemos. A história termina com a aposta na esperança de resolver, ou ao menos tratar momentaneamente, o problema da angústia pela carência de determinação externa e da exigência de ter que se haver com o próprio ser pela via da criação artística.

Em *Entre quatro paredes*, obra na qual encontramos a famosa máxima *O inferno são os outros*, é depois de muito sofrimento revivendo na morte o círculo infernal das falhas e pecados cometidos em uma vida de inautenticidade e má-fé, depois de confessados todos os crimes individuais e ouvir os pecados alheios que os personagens entreveem, nas últimas páginas, a esperança que lhes vêm pela possibilidade de uma outra forma de existência, do tipo que conclama à solidariedade e à ajuda mútua. Na peça *As moscas*, Orestes afirma a sua liberdade contra Júpiter e os deuses, que metaforicamente são também as autoridades, a metafísica, os determinismos, etc. e então encontramos uma notável expressão da esperança existencialista: *A vida começa do outro lado do desespero* (no original *desespoir*, que também pode ser traduzido como desesperança). Em outra peça, *O diabo e o bom deus*, o personagem principal, Goetz, abandona sua postura de desesperança e de indiferença e realiza uma conversão à esperança pelo engajamento.

Os gregos representaram a esperança como a última que resta quando todos os males foram expulsos e Sartre releva ao final dos seus livros a possibilidade da esperança, seria esse o modo de expressar o que em português resumimos num ditado popular muito conhecido e repetido: a esperança é a última que morre? Brincadeiras à parte, pode parecer estranho defender que a esperança é um tema caro à filosofia sartriana e ao existencialismo, sobretudo para aqueles que conhecem as filosofias da existência em razão de conceitos como desamparo, desespero, má-fé, angústia e absurdidade, mas será que esses conceitos são mesmo contrários à esperança? Talvez sim, se tomarmos esperança no sentido *dictionaresco* como sentimento daquele que vê como possível a realização do que deseja; confiança em coisas boas; expectativa, espera, aguardo. O que pretendo mostrar é que ainda que a condição humana seja marcada por injustificação, absurdidade, contingência,

³ Os cinco contos narrados na coletânea *O muro* são a narração de cinco histórias de tentativas variadas de refúgio na má-fé e fuga da liberdade.

gratuidade, um certo pessimismo e uma pitada de desespero, a esperança constitui um dado fundamental e aponta, inclusive, um caminho na tentativa de superação de parte das adversidades, sobretudo, se acrescida às ideias de reciprocidade e solidariedade construída.

As duas obras que eu considero mais relevantes para tratar do tema da esperança são o livro não concluído de Sartre *Cahiers pour une morale* e a primeira peça de Sartre, *Bariona*, escrita durante o período em que o filósofo esteve prisioneiro durante a segunda guerra mundial, que ainda não foi publicada em português; por sua vez, a obra para falar das noções de reciprocidade e pensar a possibilidade da construção da solidariedade, além do que é dito nos *Cahiers*, acrescento a última grande obra de filosofia de Sartre, *Critique de la raison dialectique*. Não posso deixar de alertar o leitor e a leitora que a interpretação que construo aqui não é resultado a que se chega por via de uma ou outra obra em particular, mas uma proposta de leitura e reconstrução teórica para pensar junto com Sartre questões relevantes para a nossa época e eventuais possibilidades de atualização do seu pensamento a partir de um olhar do conjunto da obra, com base em questões muito concretas e contemporâneas. O que eu pretendo fazer é apresentar uma interpretação dessas três obras por meio de duas ideias: a primeira delas, que eu chamei de *esperança existencialista*; a segunda, que eu nomeei por *solidariedade construída*, relacionada à noção de esperança existencialista na medida em que foi aberta a possibilidade de considerar a relação com o outro sob um registro diferente do conflito, pela perspectiva do reconhecimento do outro, permitindo, então, pensar a intersubjetividade sob o plano da reciprocidade e da solidariedade⁴.

1 CONVERSÃO À ESPERANÇA EXISTENCIALISTA

O contexto e a gênese da peça *Bariona* é bastante peculiar; trata-se de um conto de Natal escrito quando Sartre foi feito prisioneiro na Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial. A peça, redigida em três semanas no final de 1940, recebeu dois títulos: *Bariona, ou le fils du Tonnerre (Bariona, o filho do Trovão)* e *Bariona, ou le jeu de la douleur et de l'espoir (Bariona, ou o jogo da dor e da esperança)*. O primeiro é o que se estabeleceu como o título publicado, ao passo que o segundo é o que figura no

⁴ Antes de tratar especificamente do tema da esperança e da solidariedade segundo a fenomenologia sartriana, gostaria de apontar os mitos envolvendo as figuras femininas relacionadas às interpretações, representações e simbologias do mal e da responsabilidade pela existência dos males da humanidade – como Pandora, na mitologia grega; Eva, na mitologia cristã. Na *Teogonia*, Hesíodo nos conta como Hefesto cria Pandora, a primeira mulher da humanidade; Palas Atena a enfeita com flores e véus, uma coroa de ouro; outros deuses contribuem dotando-a de graça e adornos para que, sedutora, entregue a Prometeu e, por extensão, a toda a humanidade, uma caixa contendo as mazelas humanas. Hesíodo é claro em dizer que “Dela descende a geração das femininas mulheres” (HESÍODO, 2009, p. 133). Se considerarmos, junto com Simone de Beauvoir, que a história da humanidade, seus saberes e conhecimentos, resulta de processos interpretativos acerca de mitos e fatos cuja apropriação da narrativa pertence aos homens, àqueles que ocuparam o topo e o lugar principal da História, então é um caminho possível o de pensarmos sobre esses mitos e fatos e rastrear as origens do imaginário contemporâneo sobre os personagens que compõem a nossa cultura ainda bastante machista, misógina, patriarcal. Desenvolvo um pouco dessa reflexão no artigo O arcaico do contemporâneo: Medusa e o mito da mulher. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/lampiao/article/view/11689>>

manuscrito original. Em hebreu, Bariona significa filho do trovão, do raio, da estrela; na *Bíblia*, Bariona é o sobrenome de Simão, líder da última revolta dos judeus contra Roma e essa informação é importante ser observada para o enredo da peça. A obra é bastante polêmica no conjunto teatral de Sartre porque ao mesmo tempo em que foi recusada pelo autor também significou a descoberta da potência do teatro: “um grande fenômeno coletivo e religioso” (SARTRE, 1973, p. 64). *Bariona* se tornou o modelo de teatro de Sartre e ele quis recuperar essa experiência ecumênica em todas as peças posteriores. Antes de tudo, *Bariona* é, essencialmente, uma peça de resistência que permitiu a Sartre vivenciar e desejar vivenciar para sempre o poder do teatro. As ideias de grupo e de coletividade se tornaram valores especialmente positivos na direção de suplantarem a ideia de homem solitário⁵ da sua juventude a ponto do autor não se considerar mais indivíduo fora da coletividade.

A peça contém, pelo menos, dois sentidos: um é circunscrito pela situação do momento, tem um sentido mais imediato e encontra importância em realizar a união entre os prisioneiros em razão dos problemas partilhados⁶; o outro é filosófico, mais complexo, carrega um número considerável de ideias existencialistas, políticas e éticas. Esses dois sentidos são codificados – afinal era preciso passar pela censura dos guardas alemães para aprovação e encenação – e se realizam em dois graus velados na interpretação para além da história natalina.

Bariona, o protagonista está em uma situação-limite: Roma ordena ao pequeno e já pobre vilarejo de Béthsur um aumento de impostos. Bariona, chefe da vila, reúne o Conselho dos Anciãos para discutir o que deve ser feito. O Conselho apresenta apenas duas possibilidades de resolver o problema: não obedecer Roma e morrer sob a cólera da vingança, ou pagar os impostos e morrer de fome e penúria. Nos dois casos, serão os poucos jovens e crianças que ainda restam na vila que pagarão mais caro, pois os velhos não têm mais forças nem para lutar, nem para trabalhar. Aparentemente, a situação é de inevitável derrota, seja pela submissão ou pela revolta. O sofrimento e a miséria serão os resultados de qualquer que seja a *decisão* de Bariona. Não parece haver meios de encontrar uma saída para o problema, já que a consequência é a morte nos dois casos. Béthsur já era um povo fatigado e humilhado por Roma e suas altas taxas, há muito tempo os jovens deixaram o vilarejo para tentar ganhar a vida longe dali, àqueles que restaram – por orgulho, como Bariona – não havia mais muito a fazer. Completamente sem esperanças, Bariona discursa ao Conselho, imbuído de um desolador pessimismo. O chefe vê o mundo como um lugar de fracasso constante e insuperável falha e o homem como esse indivíduo

205

⁵ Análise de modo mais detido a peça *Bariona* no artigo *Théâtre, philosophie et résistance : la première pièce de Sartre*. Disponível em:

<https://bib44.fafich.ufmg.br/kriterion/index.php/kriterion/article/view/436>

E trato do conceito de homem solitário na minha tese de doutoramento *Ontologia e moral na obra ficcional de Sartre*. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/323738856_Ontologia_e_Moral_na_obra_ficcional_de_Sartre

⁶ “[...] enganando a vigilância do censor alemão por meio de símbolos, [a peça] dirigia-se aos meus companheiros de cárcere. Este drama, que era bíblico somente em aparência, voltava-se a eles falando dos problemas prisionais que enfrentavam” (SARTRE, 1973, p. 64).

solitário, abandonado, isolado, que não deve esperar nada da vida ou dos outros. Para a resolução do problema, Bariona não prega a submissão à Roma tampouco a revolta contra Roma; ele sabe que tanto a aceitação quanto a luta seriam igualmente fatais para o povo. Diante da situação tão complexa que se encontra o povo de Béthsur, Bariona abandona a dicotomia do aceitar *versus* combater, pagar *versus* não pagar, revoltar-se *versus* não se revoltar e cria uma terceira via que é ao mesmo tempo pagar e revoltar-se, não pagar e não se revoltar: “Nós pagaremos o imposto que para que nossas mulheres não sofram. [...] E não geraremos mais filhos. Não queremos mais perpetuar a vida nem prolongar os sofrimentos da nossa raça” (SARTRE, 2005, p. 1131). O chefe decide que seu vilarejo não gerará mais nenhum filho para servir de soldado, escravo, trabalhador ou pagador de impostos.

Bariona *resolve* o problema de uma maneira diferente e não usual fazendo com que os romanos não tenham mais Béthsur para abusar: Bariona decreta o fim da população de Béthsur, contudo, a aniquilação futuro do seu povo não impede que usurpem outras vilas. Bariona sugere uma punição à Roma em lugar de uma salvação a Béthsur. A decisão de Bariona não impedirá Roma de continuar usurpando o povo judeu ou outro povo mais fraco, já que a ordenação do chefe de Béthsur não evitará que os romanos continuem a ser usurpadores, ricos, cruéis e injustos como sempre foram. Ao final do seu discurso na reunião do Conselho, Bariona pronuncia a *oração* da sua *religion du néant*, religião do nada: “Diante do deus da Vingança e da Cólera, diante Jeová, eu juro não reproduzir. E se eu descumprir meu juramento, que meu filho nasça cego, que ele sofra de lepra, que ele seja objeto de escárnio para os outros e para mim de vergonha e de dor” (SARTRE, 2005, p. 1132). Nesse mesmo momento, Sarah, esposa de Bariona, anuncia sua gravidez.

O filho que Bariona sempre quis é, hoje, não desejado pelo bem dele mesmo, é *por ele* que Bariona não quer que seu filho nasça. Pela primeira vez, Bariona fez uma escolha que engaja e altera o destino de todos, mas que é ele próprio o primeiro a ter de sacrificar-se. A discussão que segue entre Bariona e Sarah mostra duas visões diferentes: a já conhecida de Bariona, de solidão e desesperança, e a de Sarah, que entende e aceita todos os sofrimentos como parte da vida: “Eu te amo antecipadamente, mesmo se você não for bonito, se for cego, se a maldição deve cobri-lo de lepra. Eu quero dar-lhe o sol e o ar puro, as sombras arroxeadas da montanha e o riso das garotas [...]”. (SARTRE, 2005, p. 1134).

Ambos, Bariona e Sarah, veem a criança como uma esperança, porém, o sentido de *esperança* não é o mesmo para os dois. A esperança é, para Bariona, *a maior loucura* e deve ser evitada, pois viver é sofrer e fazer sofrer os próximos. Para Bariona, não há esperança, todas as escolhas serão desastrosas; não há nada a fazer, nada a esperar, é melhor desistir. Em vez de se revoltar e lutar contra Roma, Bariona prefere apagar a esperança, aniquilando a existência do seu povo porque acredita que qualquer decisão diferente já é, de antemão, destinada ao fracasso.

Nesse momento, é anunciado o nascimento do Cristo, o Salvador. A grande questão desta peça natalina se centra no dilema acerca do filho de Sarah e Bariona e não do menino Jesus, pois a esperança está nas mãos dos homens e não nas de Deus. Bariona não crê em nenhuma palavra sobre a salvação, os milagres ou o messias;

Sarah e os outros descem a montanha em direção a Belém enquanto Bariona continua a maldizer a esperança. Neste momento crucial da peça, assim como no nosso hoje em dia, o tema da esperança é nevrálgico. Cabe, ainda ter esperanças em meio às situações extremas que vivemos?

O nascimento do Cristo é acompanhado pelos três reis magos. Um deles, Balthazar, interpretado por Sartre, pergunta a Bariona se não seria a esperança a dignidade do homem, pois o Cristo veio para e por aqueles que sofrem e, dentre eles, Bariona tem um lugar especial. Cito um longo discurso de Baltazar a Bariona:

Tu sofres e ainda assim teu dever é esperar. Teu dever de homem. É por ti que o Cristo desceu sobre a Terra. Por ti mais que por qualquer outro, pois tu sofres mais que qualquer outro. O Anjo não tem esperança porque ele aproveita a sua alegria e Deus lhe deu tudo antecipadamente, e a pedra tampouco tem esperança, pois ela vive estupidamente em um presente perpétuo. Mas quando Deus moldou a natureza do homem, a fundou ao mesmo tempo sobre a esperança e a preocupação. Pois o homem, veja você, é sempre muito mais que isto que ele é. [...] Onde quer que um homem esteja, ele está sempre em outro lugar. Para além dos picos arroxeados que podemos ver daqui, em Jerusalém; em Roma, para além deste dia congelante, amanhã. E todos estes que te cercam, há muito tempo não estão mais aqui: eles foram a Belém, em um estábulo, em volto do pequeno corpo quente de um bebê. E todo este futuro do qual o homem é moldado, todos os picos, todos os horizontes violetas, todas estas cidades maravilhosas que ele vislumbra sem lá ter colocado os pés, isto é a Esperança. É a esperança. Observe os prisioneiros que estão diante de ti, que vivem na lama e no frio. Sabes o que verias se pudesse seguir a sua alma? As colinas e os suaves meandros de um rio, vinhas e o sol do sul. As vinhas douradas de setembro para um prisioneiro com frio e coberto de vermes, é a Esperança. A Esperança e o melhor deles mesmos. E você quer privá-los das vinhas e dos campos e do brilho das colinas distantes, quer que eles tenham apenas o frio e piolho, quer dar-lhes somente o presente assustador da besta. Pois esta é a tua desesperança: ruminar o instante que passa, olhar para si próprio com olhos rancorosos e estúpidos, extirpar a tua idade do futuro e encerrar-se em um círculo em torno do presente. Então tu não serás mais um homem, Bariona, não serás mais que uma pedra dura e sombria no caminho. Sobre o caminho onde passam as caravanas, mas a pedra permanece só e imóvel [...]. Nós queremos realizar nosso dever de homem que é o de esperar. Aquele que perde sua esperança, Bariona, terá um fardo ainda mais pesado. Mas para aquele que espera, tudo é sorriso, e o mundo lhe é dado como um presente (SARTRE, 2005, p. 1153-1154).

207

Uma terceira concepção de esperança é apresentada pelo discurso de Balthazar: é pleno de esperança, de promessas que se oferecerão àqueles que sabem esperar. A

esperança de Balthazar é muito mais de espera que de ação e isso se coloca como um problema para o espírito de líder de Bariona. Balthazar evidencia sua fé no Cristo e em Deus e é ela que o faz contar com os outros para receber os sorrisos e os presentes do mundo, em oposição ao espírito de desespero que cerca Bariona neste momento. Sartre incute, ainda assim, na figura de Balthazar, *ideais existencialistas* que farão Bariona perceber o equívoco da sua decisão⁷. Balthazar faz com que Bariona se abra pouco a pouco à causa da esperança, mas não graças à fé ou aos milagres que anuncia. O discurso de Balthazar desperta Bariona para a descoberta de que sua decisão se baseava em uma *moral do ressentimento*. Muito mais importante que a fé cristã de Balthazar de esperar a salvação vinda do Messias é a força de seus argumentos contrários à desesperança porque mostraram a Bariona que a ordem de suprimir a vida em Béthsur se sustentava no desespero, na resignação e no medo.

O Feiticeiro anuncia a Bariona o destino do Cristo, da crucificação à perseguição do povo judeu, o chefe de Béthsur descobre que a esperança que os judeus depositaram no menino Jesus é em vão. Bariona entende a missão do Cristo como uma história de resignação, humilhação, pena, dor e sofrimento e decide, então, que o menino Jesus deve morrer. Bariona desce a montanha até Belém para eliminar a causa da esperança, mas ao pé do estábulo, o anjo da guarda de Bariona implora pela vida do filho de Deus sem poder fazer nada mais que isso, pois os anjos “não podem nada contra a vida dos homens” (SARTRE, 2005, p. 1168). A liberdade humana é maior que o poder divino⁸. Na entrada do estábulo onde descansa e se abriga a Sagrada Família, Bariona percebe de repente José e o olhar de José sobre Maria e o de Maria sobre o menino Jesus. Bariona desiste de cometer o infanticídio que sepultaria, além do menino Jesus, a esperança do povo judeu porque os olhos de José não são nem de esperança, nem resignação. Pelo olhar de José, Bariona viu o Cristo, não a imagem viva de um bebê em carne e osso, mas tudo o que pode representar a esperança e abre mão de seu plano.

A multidão de Béthsur finalmente chega a Belém, desesperada por terem visto as tropas romanas assassinando todos os recém-nascidos nos braços das suas mães. Bariona elabora um plano que garantirá a fuga em segurança da Sagrada Família ao liderar seu povo num combate mortal contra os soldados romanos. Todos sabem que sucumbirão, o máximo que conseguirão é retardar as tropas, apesar disso, estão felizes, morrerão em alegria por saberem que sua vida serviu a uma causa, a um propósito maior.

⁷ “Eu interpretei um dos reis magos. [...] Mas eu expressava ideias existencialistas recusando a Bariona o direito de se suicidar e o motivando a combater” (SARTRE, 1973, p. 266). Curiosa afirmação de Sartre que chama de suicídio a decisão de impedir o nascimento de futuras crianças no vilarejo, em oposição à decisão de liderar uma batalha sabidamente perdida e portanto, que o levará à morte junto com seu povo. A morte, o suicídio e o *deixar-se morrer* são acontecimentos frequentes na ficção de Sartre e mesmo temas de estudo teórico-filosófico na carreira acadêmica do filósofo. Uma pesquisa para esclarecer o sentido e a definição do suicídio comparando filosofia e ficção seria complementar a este trabalho, mas, infelizmente, extrapolaria as condições de realizá-lo agora.

⁸ Em *As moscas*, Orestes descobre o segredo que os deuses e os reis escondem dos homens a todo custo: a liberdade.

Bariona tem uma máscara religiosa que recobre as dimensões histórico-filosóficas da peça. O *centro filosófico* é a *conversão de Bariona* que sai de um projeto individual de aniquilação da existência, de falta de esperança, e se converte a um projeto de coletividade, de autenticidade, de ação concreta e engajada, que assume sua liberdade e a oferece em nome da libertação do seu povo, se entregando à morte generosamente em nome de um projeto de esperança, mas um tipo diferente de esperança, uma esperança existencialista porque não espera, nem outorga a outrem a sua salvação; Bariona age em nome de um propósito que ultrapassa a sua existência individual.

Agir pressupõe esperança. Em *O ser e o nada* e em *O existencialismo é um humanismo* Sartre explica que a condição humana é a do desamparo, a do desespero, que nada mais é que dizer que devemos agir sem esperanças. Isso não é contraditório ao que acabo de defender: agir sem esperanças quer dizer agir mesmo sabendo que não há garantias para os resultados das minhas ações e ainda assim é preciso agir como pudermos, sem ilusões. A conversão de Bariona não é um projeto ingênuo de esperança no qual tudo será sorrisos – como disse Balthazar. Bariona sabe que o Cristo não será a salvação dos judeus, sabe que não há de fato uma promessa de felicidade e sucesso para o povo judeu, e também sabe que, ainda assim, é preciso lutar, é preciso agir sem nada esperar. Sartre faz um discurso otimista, aproveita a ocasião do Natal para dar esperança aos prisioneiros e auxiliá-los a descobrir a própria liberdade. Entretanto, assim como Bariona, Sartre não quer que seus companheiros se percam no meio de uma esperança inocente, por isso, Bariona convoca a lutar contra os romanos enquanto Sartre apela à luta contra os alemães. Nesta peça, Sartre associa esperança à liberdade e à luta, o que permite dizer que a mensagem final de esperança não vem da confiança e da expectativa, mas da ação concreta. De fato, o que acontece verdadeiramente com Bariona é que ele se converte ao existencialismo⁹.

209

O ato final de Bariona é ainda um ato de *generosidade*, conceito que Sartre desenvolverá anos mais tarde, nos *Cahiers pour une morale*, como o valor superior: “Uma classificação dos valores deve conduzir à liberdade. Classificar os valores em uma ordem tal que a liberdade apareça cada vez mais. No topo: a generosidade” (SARTRE, 1983, p. 16). E, além disso, um ato de *suprema generosidade*: “A suprema generosidade: a aceitação da morte” (SARTRE, 1983, p. 54), no sentido de que Bariona entrega sua liberdade em nome da libertação de seu povo, oferece sua vida pelo seu povo.

Poderíamos perguntar, por outro lado, como distinguir, nessas condições, o ato de generosidade do ato de resignação ou de estoicismo? Como saber se o ato de Bariona expressa a generosidade consciente do agente histórico ou a resignação estoica? E essa diferença é fundamental: a generosidade é engajada: “a pessoa resignada assume em uma aceitação subjetiva o intolerável do mundo objetivo para torná-lo uma condição humana e uma sabedoria” (SARTRE, 1983, p. 407). O ato

⁹ Como também afirmou Coorebyter, 2005, p. 70.

resignado representa a aceitação do peso insuportável do mundo e se entrega ao seu sacrifício de maneira resignada. A grande diferença é que ato de resignação não perturba a ordem estabelecida e, para Sartre, “a moral de hoje deve ser socialista revolucionária” (SARTRE, 1983, p. 20). A generosidade representa uma lucidez ativa de combate. Bariona alcança, além da autenticidade, o grau de moralidade mais elevado porque a sua ação é generosa, ele dá sua vida em nome da coletividade mesmo sabendo que o povo judeu será perseguido e sofrerá ainda muitos séculos. Liderados por Bariona, os judeus de Béthsur atingem todos o nível moral mais alto porque entregam felizes a vida em nome da esperança, em nome da coletividade. Bariona conhece o futuro que aguarda os judeus e sabe que o menino Jesus é salvo para ser crucificado e morto pelo seu próprio povo dali a 33 anos, conhece a diáspora e o Holocausto que acometerá seus descendentes.

O povo de Béthsur morre engajado e comprometido com seu povo mas, no fim, com o futuro de toda a humanidade, pois o Cristo é o símbolo da esperança, da justiça, da igualdade e do amor não apenas entre os judeus, mas entre os homens. A afirmação da esperança na vida é soberana na peça *Bariona*, ainda que aconteça por meio da morte na Revolta. Em vários aspectos, a peça *Bariona* antecede na ficção pressupostos de ontologia e de moral que serão desenvolvidos posteriormente. O povo de Béthsur forma um grupo coeso que, unido, luta em nome de uma Causa coletiva maior que a sua individualidade, na filosofia de Sartre, o conceito que nomeia esse fenômeno é o *groupe assermenté*, grupo juramentado, e será esclarecido vinte anos mais tarde, na *Critique de la raison dialectique*.

2 SOBRE RECIPROCIDADE E SOLIDARIEDADE CONSTRUÍDA

Os *Cahiers pour une morale* podem ser lidos como uma das tentativas de cumprir a promessa realizada no final de *O ser e o nada* de uma obra de ontologia moral em que serão abordadas as implicações éticas da ontologia. Para tentar superar o impasse ético oriundo da compreensão das relações intersubjetivas sob o registo do conflito e da má-fé, as ideias de esperança existencialista, generosidade e coletividade representarão um primeiro passo nessa direção, pois abrem a possibilidade de considerar a relação com o outro sob um outro registro, qual seja, pela perspectiva do reconhecimento do outro, permitindo, então, pensar a intersubjetividade sob o plano da reciprocidade e da solidariedade. No início dos *Cahiers pour une morale*, Sartre coloca como epicentro da sua reflexão as noções de conversão moral, autenticidade e reflexão não-cúmplice, em razão da importância de reconhecer as situações de alienação e de má-fé para, precisamente, suplantar o impasse ético da relação intersubjetiva inerente a *O ser e o nada* que não foram tratadas de outra forma que sob o conflito e a reflexão cúmplice.

Nos *Cahiers*, Sartre entende que o projeto fundamental do para-si não é o de ser-em-si-para-si, mas projeto de autenticidade, de liberdade criadora, de reflexão purificante, de reconhecimento mútuo do Outro enquanto tal. Trata-se de um projeto de ação em direção aos outros em que define o apelo como reconhecimento mútuo, o que aponta na direção da solidariedade construída em comum com o outro: "o apelo é o reconhecimento de uma liberdade pessoal em situação por uma liberdade pessoal

em situação [...] não se baseia em uma solidariedade dada, mas em uma solidariedade a ser construída pela operação comum" (SARTRE, 1983, p. 285). O apelo significa, assim sendo, reconhecer a liberdade do outro como alteridade em situação por outra liberdade em situação; podemos dizer que é reconhecimento da diversidade na medida em que é apelo ao ser que reconheça o outro na sua qualidade de outro, na sua própria condição, como ser-propriadamente-outro. Os *Cahiers pour une morale* propõem, portanto, uma *fenomenologia da reciprocidade* na qual a estrutura da reciprocidade apela para a liberdade pelo duplo reconhecimento do Outro pelo para-si na condição de Outro. As noções de apelo à ajuda e solidariedade construída reposicionam a questão do Outro, não mais sob o registro do conflito, mas da reciprocidade e da solidariedade.

Os impeditivos para a realização da autenticidade, como a reflexão cúmplice e o espírito de seriedade¹⁰ se somam na *Critique de la raison dialectique* a um elemento da materialidade concreta: a escassez (*rareté*). Enquanto o espírito de seriedade é fundamento ontológico da alienação, a escassez é a origem material da luta de classes:

Deve-se notar, entretanto, que esta relação unívoca de materialidade circunstancial aos indivíduos se manifesta *em nossa História* de uma forma particular e contingente, uma vez que toda a aventura humana - pelo menos até agora - é uma luta incansável contra a *escassez* (SARTRE, 1960, p. 201).

211

Na medida em que o projeto individual é *dépassement* (superação/ultrapassagem) do presente em direção ao futuro e de mim mesmo em direção ao mundo, eu me interpreto, eu me entendo, eu me trato como meio e não posso tratar o Outro como um fim, pois "O fim é a produção de uma mercadoria, de um objeto de consumo, de uma ferramenta ou a criação de uma obra de arte" (SARTRE, 1960, p. 192), por isso, na medida em que meu projeto é em direção ao futuro eu não sou mais que um meio, não posso ser um fim. Segundo Sartre, a reciprocidade, portanto, implica:

1º que o Outro seja um meio na medida exata em que eu mesmo sou um meio, isto é, que ele seja um meio para um fim transcendente e não meus meios; 2º que eu reconheça o Outro como *praxis*, isto é, como totalização em progresso ao mesmo tempo em que o integre como um objeto em meu projeto totalizador; 3º que eu reconheça seu movimento em direção a seus próprios fins no movimento mesmo pelo qual eu me projeto em direção aos meus; 4º que eu me descubra como objeto e como instrumento de seus fins pelo ato mesmo que o constitui para meus fins como instrumento objetivo (SARTRE, 1960, p. 192).

¹⁰ Temas que foram temas bastante estudados em *O ser e o nada*, mas que aqui não temos condições de tratar.

A formação de um grupo com um objetivo comum se torna uma realidade coletiva revolucionária radicalmente nova que se caracteriza por uma estreita identidade e reciprocidade. Tampouco a formação quanto a necessidade do grupo são dadas *a priori*, mas construídas partindo de valores e objetivos comuns: "Quando a liberdade se faz *praxis* comum para fundar a permanência do grupo, produzindo por si mesma e em reciprocidade mediada sua própria inércia, este novo status é chamado de *juramento*" (SARTRE, 1960, p. 439). O grupo deve assegurar, ainda, a liberdade individual como condição de ser tanto do grupo como de cada membro, uma vez que cada membro se engajou e se comprometeu livremente a tomar parte do grupo e nele permanecer enquanto os objetivos comuns lhe parecerem coerentes.

A filosofia da liberdade e do engajamento de *O ser e o nada* e a moral da conversão à autenticidade dos *Cahiers pour une morale* encontraram a resistência material na sociedade opressiva da *Critique de la raison dialectique* e, por sua vez, a necessidade da organização coletiva como alternativa e estratégia em direção à libertação e à liberdade. De alguma maneira, com efeito, a ideia de solidariedade construída esteve presente no horizonte de toda a filosofia moral sartriana, seja como exigência, seja como proposta. A filosofia de Sartre se manteve a filosofia da liberdade, da responsabilidade e do engajamento, mas ela seria incompleta enquanto sistema se negligenciasse o caráter material da existência humana. Ser lançado no mundo da escassez é um aspecto fundamental da situação humana que não poderia permanecer de fora da análise fenomenológica do autor que procura pensar a *ordem humana*. Assim, quando Sartre, gradativamente, inclui na sua reflexão o peso do plano político e econômico sobre o indivíduo e a coletividade, seus textos passam a ser escritos com a intenção de mostrar que é primeiro preciso libertar um povo da opressão, para que ele possa libertar-se eticamente como indivíduo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as ideias de esperança existencialista e de solidariedade construída procuro, precisamente, pensar uma teoria que abarque, ao mesmo tempo, as dimensões abordadas nas referidas obras de Sartre, na direção de uma mudança de perspectiva e de prática segundo a qual homens e mulheres livres reconhecem-se mutuamente na condição de Outro e, por meio de uma ação comum de solidariedade construída, superem e ultrapassem a individualidade, a inércia, o isolamento e a escassez.

É o que fazem, por exemplo, os protagonistas que, ao menos em certa maneira, alcançaram a autenticidade: por mais que seu ato seja decido de forma solitária, a reciprocidade e a generosidade serviram como mote para pensar uma mudança futura para suplantam a *rareté*: Bariona decide solitário o seu ato para salvar o povo judeu. A primeira decisão de Bariona, de não reproduzir, de não gerar mais filhos e aniquilar a existência do povo de Bethsur, é um tipo de *fuga do mundo*, porque Bariona não assume a situação mas se subtrai a ela; não age em direção a mudar a figura do mundo, mas de abandonar o mundo a longo prazo. O existencialismo é

uma filosofia da ação, do engajamento, logo, abstrair-se do combate não pode ser um projeto que se acorde ao pensamento sartriano.

A segunda decisão de Bariona, a de matar o menino Jesus é uma ação fundada no desespero, no medo, na morte da esperança, na negação da vida, na supressão da liberdade. Bariona acredita neste momento que somos o nosso sofrimento e, por isso, não vale a pena continuar existindo em esperança. Também não pode ser entendida como uma ação coerente à filosofia sartriana. Recusar a esperança não é uma posição que se acorda à filosofia de Sartre; afinal, como se sabe, *o existencialismo é um otimismo*¹¹, como bem conhecemos pela conferência *O existencialismo é um humanismo*.

Agora, no final, as coisas mudam. O nascimento do Cristo configura o renascimento de Bariona. Quando o chefe decide deixar a criança viva, retoma a esperança e deseja um recomeço. Bariona se engaja neste futuro que ele quer ver existir. Isso não significou, todavia, a conversão cristã de Bariona, nem a crença de que o Messias salvará a Judeia, afinal ele conhece o destino do Cristo. A esperança de Bariona tampouco reside na espera das graças e sorrisos de um salvador. Bariona se converte à esperança existencialista porque é a esperança que permite continuar vivendo. Foi preciso todo um conjunto de provas para que as *boas-novas* desvelassem seu sentido a Bariona: Somos livres, livres contra Deus e por Deus, contra nós mesmos e por nós mesmos.

Gostaria de concluir invocando alguns trechos, digamos, *salváveis* das controversas entrevistas dadas por Sartre a Pierre Victor no final da vida do filósofo:

213

A esperança faz parte do homem: a ação humana é transcendente, isso quer dizer que ela visa sempre um objeto futuro a partir do presente em que nós a concebemos e onde nós tentamos realizá-la; a ação humana estabelece seu fim, sua realização no futuro e na sua maneira de agir há a esperança, isto é, o fato propriamente de colocar um fim como devendo ser realizado (SARTRE, 1991, p. 21).

O fundamento da ação é a esperança, o que exclui a compreensão de esperança como salvação depositada em outrem ou como ato de aguardar. A filosofia sartriana recoloca a noção de esperança como originária à condição humana e concomitante ao projeto e à ação. Não há ação sem vistas a um fim, sem intenção de alterar a figura do mundo e de tornar real um projeto. Sartre afirma que a sua definição de esperança nunca foi a de esperança como uma ilusão lírica e que nunca defendeu a desesperança, mas que a condição do desamparo e do desespero não são o contrário da esperança:

Justamente, eu resisto e eu sei que morrerei na esperança, mas esta esperança é preciso fundá-la. É preciso tentar explicar porque o

¹¹ “Veja que [o existencialismo] não pode ser considerado como uma filosofia do quietismo, uma vez que define o homem pela ação; nem como uma descrição pessimista do homem: não há doutrina mais otimista [...]” (SARTRE, 1996, p. 56).

mundo de hoje, que é horrível, é somente um momento no longo desenvolvimento histórico, que a esperança foi sempre uma das forças dominantes da revolução e das insurreições e como eu ainda sinto a esperança como minha concepção acerca do futuro (SARTRE, 1991, p. 81).

Desejo muito que nós possamos encontrar alento nas palavras deste Sartre quase cego e prestes a encontrar-se com a morte para que nós, que estamos muito vivos, tenhamos a esperança na ação e na solidariedade como nossa concepção para o futuro.

REFERÊNCIAS

- COOREBYTER, V. *Sartre avant la phénoménologie*. Bruxelles : Ousia, 2005.
- HESÍODO. *Teogonia*. A origem dos deuses. Trad. Jaa Torrano. São Paulo : Iluminuras, 2009.
- SARTRE. Bariona. In: *Théâtre Complet*. Paris : Gallimard, 2005, p. 1115-1179.
- _____. *Cahiers pour une morale*. Paris : Gallimard, 1983.
- _____. *Critique de la raison dialectique*. Tome 1, Paris : Gallimard, 1960.
- _____. La nausée. In: *Oeuvres Romanesques*. Paris : Gallimard, 1981, p. 8-210.
- _____. *L'être et le néant*, Gallimard, Paris, 1943.
- _____. *L'existentialisme est un humanisme*. Gallimard, Paris, 1996.
- SARTRE, B. LEVY, *L'espoir maintenant*. Les entretiens de 1980, Lagrasse : Verdier, 1991.

Submetido: 2 de setembro de 2021

Aceito: 30 de setembro de 2021